



A ECOLINGUÍSTICA COMO IDEIA EUROPEIA

Alwin Fill (Universität Graz, Austria)

Resumo: "A ecologia da linguagem", paradigma criado pelo sociolinguista americano Einar Haugen, investiga a interação entre línguas na mente humana e em sociedades multilíngues. No caso, "ecologia" funciona como uma metáfora que é usada por alguns autores para falar da ideia de "conservação" de pequenas línguas e da preservação da diversidade linguística neste planeta. Por outro lado, a "ecolinguística" europeia toma o conceito de ecologia literalmente a fim de explorar o papel das línguas na crise ambiental atual. Mediante o paradigma ecolinguístico, a linguística assume uma nova tarefa: provocar uma consciência sobre os problemas ecológicos e, ao mesmo tempo, recuperar o sentimento de comunhão com todos os seres vivos. Em vez de olhar para a língua como "símbolo dos humanos como seres especiais" (usando-a nesse sentido), os ecolinguistas acentuam "nossa continuidade com o resto da criação" (HALLIDAY, 1992, p. 89), revelando o antropocentrismo e o crescimentismo imbutidos na língua e em seu uso. Com essa consciência, a linguagem humana se torna um recurso na empreitada de manter o princípio de "viver e deixar viver" contra o da sobrevivência do mais forte e mais apto.

Palavras-Chave: Ecologia da linguagem. Preservação de línguas. Crise ambiental; antropocentrismo. Crescimentismo.

Abstract: "The ecology of language", a paradigm created by the American sociolinguist Einar Haugen, investigates the interaction between languages in the human mind and in a multilingual society. Ecology here serves as a metaphor which is used by some authors to introduce the idea of the "conservation" of small languages and of preserving linguistic diversity on this planet. As opposed to this, European "ecolinguistics" takes ecology literally, as it were, and explores the role of language in the current ecological and environmental crisis.

With the ecolinguistic paradigm, linguistics takes on a new task: to create an awareness of ecological problems and, at the same time, to bring back the feeling of togetherness with all living beings. Instead of seeing the possession of language as a sign of "the uniqueness of humankind" (and using it accordingly), ecolinguists stress "our continuity with the rest of creation" (Halliday 1992:89) by revealing the anthropocentrism and growthism contained in language and language use. With this

awareness, human language becomes a force in the endeavour to uphold the principle of "live and let live" against that of the survival of only the strongest and fittest.

Key words: Ecology of language. Language Preservation. Environmental crisis. Anthropocentrism. Gowthism.

1. Introdução

Este ensaio fala de Ecolinguística como uma ideia europeia que, no entanto, foi fortemente influenciada e complementada por pensadores europeus. Embora criada por um alemão (o biólogo Ernst Haeckel), o termo "ecologia" se tornou muito importante nos Estados Unidos, onde conservacionistas como John Muir e Aldo Leopold chegaram a incluir a natureza inanimada em sua "ética da terra" (LEOPOLD, 1949). Assim, *ecologia* se tornou uma palavra chave na primeira metade do século XX e até mesmo uma palavra *cult*, o que foi lamentado pelo primeiro linguista a ligar o conceito de ecologia ao estudo da linguagem. Esse pioneiro da ecologia linguística é Einar Haugen, que proferiu uma palestra sobre "a ecologia da linguagem" em 1970 e a publicou em 1972 em um livro com o mesmo título.

Na abordagem de Haugen, ecologia é usada como uma metáfora que compara línguas e espécies de animais e plantas. A ecologia da linguagem, para Haugen, é "o estudo de interações entre uma língua dada e seu meio ambiente" que, no caso da língua é "a sociedade que a usa como um de seus códigos" (HAUGEN, 1972, p. 325).

Assim como há um equilíbrio ou uma luta pela existência entre as diferentes espécies de plantas e animais em seu meio ambiente, há também um equilíbrio e uma rivalidade entre diferentes línguas, tanto na mente de um falante multilíngue quanto em uma sociedade multilíngue, ou seja, o meio ambiente linguístico. Possíveis tópicos nessa ecologia da linguagem são temas como contato de línguas e conflito de línguas, morte de línguas e crescimento de língua, assim como planejamento linguístico e interferência entre línguas.

Entre os estudiosos que seguiram a abordagem de Haugen em seu uso metafórico de "ecologia" estão Harald Haarmann (1980), Enninger & Haynes (1984) e Norman Denison que, no que se refere à pergunta de Haugen (1972: 329) "Qual será, ou deverá ser, por exemplo, o papel de 'pequenas' línguas?", assume a causa da proteção de línguas ameaçadas e afirma que "Se o cachalote (ou cacharéu) merece proteção especial como espécie única e ameaçada da evolução biológica, então merece-o também o gaélico como uma um espécime único e ameaçado da evolução e tradição linguística humana" (DENISON, 1982, p. 8).

A metáfora ecológica tem sido usada também, entre outros, por Mario Wandruszka (1979), que vê o multilinguismo como um processo dinâmico comparável ao crescimento e decréscimo nas populações animais; por Dwight Bolinger, no último capítulo de *Language, the loaded weapon* (1980); por Adam Makkai (1993), que apresenta um interesse abrangente pela linguagem que inclui o estudo das relações entre língua e música bem como outros tópicos que transcendem de muito o mero estudo da estrutura das sentenças.

2. "A ecologia da linguagem" e a "ecolinguística"

Se os pesquisadores da tradição haugeniana têm usado a metáfora ecológica a fim de se posicionarem na defesa e resgate da diversidade linguística, tanto no nível mundial quanto em países específicos (ver também DENISON, Tragut 1990 e TRAMPE 1990: 209), muitos linguistas europeus têm criado nos últimos tempos um novo paradigma em que "ecologia" é entendida no sentido biológico original que lhe atribuiu Haeckel e no sentido "ambientalista" que ele passou a ter na América. Para essa

abordagem, o termo "ecolinguística" é sugerido. Ele poderia ser definido como o estudo do papel que a linguagem exerce nos problemas ecológicos e ambientais de nosso tempo.

Ao que tudo indica, o primeiro estudioso a tematizar esse papel (no entanto, sem usar o termo ecolinguística) foi Michael Halliday que, em 1990, proferiu uma conferência sobre "New ways of meaning: the challenge to applied linguistics" no Congresso da AILA em Tessalônica, em 1990. Desde então esse ensaio tem inspirado muitos estudiosos a aceitar o desafio e provocado muitos simpósios sobre o tópico Ecolinguística (ver, por exemplo, Alexander, Bang, Døør 1993). Nesse ensaio (publicado em 1990 e 1992), Halliday diz que "classismo, crescimentismo, destruição de espécies, poluição e assemelhados não são simplesmente problemas para os biólogos e os físicos. Eles são problemas para a comunidade da linguística aplicada também"(1992, p. 91). Halliday aduz inúmeros exemplos a fim de mostrar que o sistema linguístico favorece crescimento contra estabilidade e diminuição (ver também Fill 1987: 122ss) e que objetos inanimados, animais e plantas são tratados de modo diferente do modo de se tratarem os humanos (ver "distanciamento" abaixo). Em nossas línguas, podemos observar

quão profundamente as ideias de crescimento versus diminuição estão gramaticalizadas, de que nossos recursos naturais seriam ilimitados, de que o mundo inanimado é passivo e de quão especial é a espécie humana em vez de estar em uma continuidade com o resto da criação. Essas e outras características do sistema linguístico enformam nossa experiência de modo a levar-nos a pensar que podemos expandir para sempre no que tange ao número de pessoas, nosso próprio poder de dominação sobre as demais espécies, nosso consumo e o assim chamado 'modo de vida padrão' (HALLIDAY, 1992, p. 89ss).

No mesmo ano em que Halliday proferiu sua palestra seminal, o estudioso alemão Wilhelm Trampe publicou um livro chamado *Ökologische Linguistik* (1990) -- *Linguística Ecológica* --, no qual parte da ideia de sistema língua-mundo, de acordo com a qual língua e mundo interagem idealmente de modo a manter a diversidade de todos os seres vivos. Independentemente de Halliday, Trampe mostra que alguns indícios da crise ecológica se encontram na língua e como, por uma reversão do processo, o uso de linguagem antiecológica pode contribuir para piorar a crise (ver também FILL 1993, p. 103-131).

O paradigma europeu de Ecolinguística é, assim, a manifestação de uma preocupação genuína dos linguistas com a investigação das causas dos problemas ecológicos atuais e com uma tentativa contribuir com sua solução. Contrariamente à "Ecologia da linguagem" de Haugen, com sua ênfase na interação entre línguas em seu "meio ambiente" metafórico, a "Ecolinguística" pressupõe interação entre a língua e o mundo em geral, de tal modo a mostrar que a sobrevivência de diferentes espécies e a manutenção da "biodiversidade" podem ser investigadas do ponto de vista linguístico.

3. O antropocentrismo da língua

Um conceito chave no estudo do papel da língua sobre as questões ambientais é o de "o antropocentrismo da língua". Esse termo se refere ao fato de que a língua é um elemento na evolução humana a serviço da supremacia e crescimento de tudo que tenha a ver com o humano, opondo-se aos "direitos" de outros seres animados e da natureza inanimada. Entre os modos de manifestação do antropocentrismo na língua, os seguintes têm sido identificados e descritos(cf. FILL 1993, p. 104ss.; TRAMPE, 1990, P. 208ss.): (1) nomeação pela utilidade, (2) distanciamento, (3) objetivização e (4) eufemismo. Essas atitudes serão discutidas brevemente a seguir, com exemplificação tirada do inglês e do alemão.

ECO-REBEL

(1) "**Nomeação pela utilidade**" se refere à tendência da língua a nomear fenômenos do mundo do ponto de vista de sua utilidade para os humanos. É claro que essa tendência é inteiramente natural em um sistema de comunicação criado por nossa espécie. A questão interessante é na verdade o fato de ser possível notar essa qualidade da linguagem humana com o auxílio da própria linguagem humana, além de descrever o fato e, eventualmente, superá-lo.

Os exemplos mais óbvios de nomeação pela utilidade são as palavras *Nützlinge* (os úteis) e *Schädlinge* (os prejudiciais), *Kraut* (planta) e *Unkraut* (praga), que, em alemão, dividem sem subterfúgio todos os animais e todas as plantas em úteis e perniciosas, claro, para os humanos. No alemão existem dezenas de compostos com *Nutz-* (útil), como *Nutztiere* ("animal útil"), *Nutzholz* ("madeira útil"), *Nutzwald* ("floresta útil") etc., e *Schad-* ("prejudica") como em *Schadstoffe* ("matéria prejudicial"), *Schadholz* ("madeira prejudicial") que expressam a utilidade ou ofensividade de algum ser vivo ou material para os humanos. Outros compostos, como *Pelz-tiere* ("animal para pele"), *Speise-pilze* ("fungo comestível"), *Zier-fische* ("peixes ornamentais"), *Reit-tiere* ("animal para cavalgar"), *Zug-tiere* ("animal para tração"), *Schlacht-tiere* ("animal para abate") especificam, no elemento determinante, o tipo de uso que os humanos fazem de animais e plantas. Exemplos ingleses de nomeação pela utilidade são palavras como *timber wood* ("madeira"), *firewood* ("lenha"), *beneficial animals* (*animais benéficos/úteis*), *pests* ("animal/inseto nocivo, praga"), *waste land* ("terra inculta, terreno baldio") e muitos outros.

(2) O termo "distanciamento" diz que animais e plantas devem ser mantidos à distância dos humanos mediante o uso de diferentes palavras para fenômenos análogos. Vejamos as palavras para morrer em alemão: *sterben* é a palavra usada para humanos; para os animais são usados *eingehen* ("extinguir-se, deixar de existir"), *verenden* ("chegar ao fim"), *krepieren* ("arrebentar, explodir"); para plantas até *kaputt gehen* (literalmente "ser quebrado", como uma máquina). Esse exemplo mostra que o distanciamento está intimamente relacionado com "objetificação": o animal e a planta são tratados linguisticamente como um objeto, a fim de tornar mais fácil para os humanos usá-los.

Exemplos ingleses são as palavras para diferentes tipos de "carne" (*veal, beef, pork, mutton, venison*) que não mostram sua relação com a "carne" humana nem sua origem em animais "abatidos, assassinados". O composto eufemístico *meat production* (produção de carne) desvia a atenção do que efetivamente acontece (isto é, o assassinado de animais) e valoriza o lado industrial do processo. Em seu artigo, Halliday chama a palavra "production" "uma grande jogada semântica (trick): como Goldsmith assinalou, nós não produzimos absolutamente nada -- nós [ou melhor, os animais, nossos servos, A.F.] meramente transformamos o que já está lá em algo diferente, geralmente com efeitos colaterais indesejáveis" (GOLDSMITH, 1992). Animais ou plantas individuais são *espécimes* que se encontram ou são abundantes na região que têm como seus *habitats*. Nós *limpamos* (não matamos) árvores que são também *preparadas* para *produzir madeira*. *Livestock*(gado), *carcass* (carcaça) e *litter* (lixo, dejetos) são outros exemplos deste fenômeno que mostram que a língua é capaz proporcionar palavras específicas para animais a fim de deixar claro a supremacia dos humanos.

(3) O processo relacionado de "objetivização" é muito frequente na linguagem da caça (*Weidmannssprache*); ele visa a preencher a função de transformar os animais em objetos insensíveis à dor e que os humanos podem usar para seu "esporte" com a consciência tranquila. As partes do corpo do animal recebem nomes de objetos e os processos que levam ao assassinato e dissecação dos animais recebem nomes técnicos especiais que transferem toda a atividade para um setor separado da vida e do sofrimento. *Brush* ("pelo de animais"), *pad* ("pata"), *slot* ("pegada") e *mass* ("massa") são nomes de partes do corpo de animais; os animais caçados são chamados *quarry* ("presa, caça"); partes extraídas dos animais são orgulhosamente apresentadas como troféus etc. Na linguagem de caça

ECO-REBEL

alemã sangue é suor animal ("Schweiss"), o animal morto é "die Strecke" (literalmente "o que é estendido"); os olhos são chamados *luzes* ("Lichter"), as orelhas *colheres* ("Löffel") e assim por diante. Uma investigação da linguagem da caça de uma perspectiva ecolinguística certamente seria uma tarefa que vale a pena! Outras áreas em que a objetivização é bem aparente são as *meat production*, o *fur trade* "comércio de peles" e o "experimento com animais". Todos têm nomes que no caso podem ser vistos como exemplos de uma quarta estratégia do antropocentrismo, o eufemismo.

(4) "**Eufemismo**" pode ser definido como o uso de palavras com acepções agradáveis para fatos tidos como desagradáveis em nossa sociedade. O simples fato de que elas têm sido usadas para o tratamento cruel que infligimos aos animais revela que pelo menos em alguns setores de nossa sociedade tem se desenvolvido uma sensação de culpa (*bad conscience*). Palavras como *pest control* ("controle de pestes"), *LD-50-test* ("elemento tóxico para matar animais em massa"), *animal health service* ("serviço de saúde dos animais") e outras escondem o fato de que se referem ao assassinato de organismos não humanos para propósitos humanos. Um *LD-50-test*, por exemplo, é um experimento com animais em que 50% dos animais não sobrevivem, com LD em doses letais. Serviços de saúde dos animais também têm a ver, perversamente, com o assassinato de animais. Trata-se do nome para um serviço prestado por veterinários que garante carne saudável, isto é, carne saudável para os humanos que a comem.

Essas quatro manifestações do antropocentrismo linguístico não são as únicas que existem. Todo tipo de "crescimentismo" (ver acima) pode ser considerado como antropocentrismo indireto, uma vez que o que se entende por crescimento normalmente é "crescimento de algo humano" que, de um certo ponto em diante, só é possível em detrimento do resto da criação. É tarefa da Ecolinguística fazer o usuário da língua consciente dos mecanismos frequentemente sutis, frequentemente bastante óbvios da linguagem antropocêntrica.

Nos últimos tempos tem se observado um contramovimento ao antropocentrismo segundo o qual animais e plantas se aproximam mais dos humanos. Um exemplo desse tipo é o frequente uso na atualidade de termos de parentesco humano para animais (*brother, sister, aunt* etc.), na verdade praticamente o uso de palavras "humanas" para animais e plantas (*Waldsterben* ["morte de floresta"], *Baumchirurg* ["cirurgia de árvore"], *animal language* ["língua animal"] etc.), uso que por outro lado pode ser criticado por seu antropocentrismo inerente, uma vez que impõe categorias humanas em todos os seres vivos.

Nesse ponto a Ecolinguística se encontra no meio de uma grande quantidade de questões filosóficas que só poderão ser respondidas após uma discussão mais detalhada sobre a ética da ecologia.

Como todo mundo sabe, o movimento do politicamente correto (PC) também apresenta uma ramificação em que uma grande quantidade de palavras supostamente não antropocêntricas foram criadas (como *botanical friends* para *flowers* ou *carcaças de árvore* para *papel*; ver o *PC Dictionary*, de Beard & Cerf 1992). Não obstante, grande parte dos antropocentrismos escondidos de nossas línguas tem permanecido velada.

4. Terminologia ecológica

Uma abordagem diferente à ligação entre língua e problemas ecológicos é praticada por alguns estudiosos alemães que investigam o papel que a terminologia ecológica exerce na discussão pública de assuntos ecológicos. Matthias Jung, de Düsseldorf, mostra em diversos artigos (JUNG, 1989) e em sua tese (JUNG, 1994) como o desenvolvimento e aumento de termos técnicos relativos ao meio ambiente e sua poluição, nos anos sessenta e setenta, deram lugar a uma consciência pública dos problemas e como surgiram neologismos, e continuam a surgir, nos dois lados em questão (o da indústria e o dos ambientalistas), para manipular a opinião pública. Jung nos adverte, no entanto, a

ECO-REBEL

não sobrestimar o “poder das palavras” nesse contexto, palavras cuja intenção “manipuladora” se encontra apenas no lado presumivelmente a ser manipulado!

Nos anos sessenta, os ambientalistas alemães usaram palavras como *Giftkrieg* (“guerra com venenos”) e *Giftgas* (“gás venenoso”) para o uso de pesticidas na agricultura, palavras com associações terríveis ao nazismo e à Segunda Guerra Mundial, ao passo que a indústria evitava a palavra *Gift* (“veneno”) a todo custo, usando ao contrário eufemismos eruditos como *toxicidade*, *inseticida* e outros. Do mesmo modo, *chemische Hacke* (“machado químico”) e *biologische Kriegsführung* (“guerra biológica”) correspondiam a *herbicida* e a frase eufemística *Begünstigung der natürlichen Feinde der Schädlinge* (“favorecimento dos inimigos naturais das pragas”), eram usadas com ou sem intenção manipuladora (JUNG, 1989).

O uso de linguagem manipuladora no que se refere a tópicos ambientais foi investigado de modo especialmente detalhado na área da energia nuclear, em que linguistas ambientalmente orientados como Hartmut Gründler (1982) criticaram a ineficácia da criação de palavras de aparência inofensiva como “friedliche Nutzung der Kernenergie” (“uso pacífico da energia nuclear”), “Atommüll” (“lixo atômico”) “Wiederaufbereitung”, (“reprocessamento”), “Entsorgung” (“ato de descartar”) etc. (ver também JUNG, 1994). A certa altura houve também controvérsia sobre a natureza manipuladora de palavras como *Atomkraft* (energia atômica), que lembra *Atombombe* (bomba atômica) e *Kernenergie* (energia nuclear), associáveis a *kerngesund* („atomicamente saudável“)!

Referências

Alexander, Richard, J., J. Chr. Bang, and J. Døør (eds.), *Papers for the Symposium Ecolinguistics. Problems, Theories and Methods* (Odense: Research Group for Ecology, Language and Ideology, 1993)

Beard, Henry and Christopher Cerf, *The Official Politically Correct Dictionary and Handbook* (New York: Villard, 1992).

Bolinger, Dwight, *Language, the Loaded Weapon. The Use and Abuse of Language Today* (London: Longman, 1980).

Denison, Norman, "A Linguistic Ecology for Europe?", *Folia Linguistica* 16/1-4 (1982): 5-16.

Denison, Norman and J. Tragut, "Language Death and Language Maintenance," *Sociolinguistica* 4 (Minderheiten und Sprachkontakt) (1990): 150-156.

Enninger, Werner and Lilith M. Haynes (eds.), *Studies in Language Ecology* (Wiesbaden: Steiner, 1984).

Fill, Alwin, *Ökologikum. Eine Einführung* (Tübingen: Narr, 1993).

Gründler, Hartmut, "Kernenergiewerbung. Die sprachliche Verpackung der Atomenergie," *Holzfeuer im hölzernen Ofen. Aufsätze zur politischen Sprachkritik*, ed. Hans Jürgen Heringer (Tübingen: Narr, 1977? 1982) 203-215.

Haarmann, Harald, *Multilingualismus 2. Elemente einer Sprachökologie* (Tübingen: Narr, 1980).

ECO-REBEL

Halliday, Michael, "New ways of Meaning. The challenge to applied linguistics," *Journal of Applied Linguistics* 6 (1990): 7-36. Also in: *Thirty years of linguistic evolution. Studies in honour of René Dirven*, ed. Martin Pütz (Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins, 1992): 59-95.

Haugen, Einar, *The Ecology of Language*, ed. Anwar S. Dil (Stanford: Stanford University Press, 1972).

Haugen, Einar, *The Ecology of Language*, ed. Anwar S. Dil (Stanford: Stanford University Press, 1972).

Jung, Matthias, "Der öffentliche Sprachgebrauch und die Umweltdebatte in der BRD. Versuch der Kommunikationsgeschichte eines Themas," *Sprache und Literatur in Wissenschaft und Unterricht* 63 (1989): 76-98.

Jung, Matthias, *Gesellschaftliches Bewußtsein und sprachlicher Wandel. Eine Diskursgeschichte der Atomenergie* (Opladen: Westdeutscher Verlag, 1994).

Leopold, Aldo, *A Sand County Almanach, and Sketches Here and There* (Oxford, New York: Oxford University Press, 1949).

Makkai, Adam, *Ecolinguistics. Towards a New "Paradigm" for the Science of Language?* (London, New York: Pinter, 1993).

Trampe, Wilhelm, *Ökologische Linguistik. Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie* (Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990).

Wandruszka, Mario, *Die Mehrsprachigkeit des Menschen* (München, Zürich: Piper, 1979).

[*The European Legacy*, vol. 2, 1997, 450-455.]

Traduzido do inglês por João Nunes Avelar Filho (UEG-Formosa).

Aceito em 24/04/2019.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 5, N. 2, 2019.